

dades de venda, temos:

$$\frac{Pequ.}{PCAP} = \frac{F}{PCAP} \times \frac{1}{b-a}$$

Como o autor afirma que o Pequ. da Toyota é 30% da capacidade, temos:

$$0,3 = \frac{F}{PCAP} \times \frac{1}{b-a}, \quad \text{donde}$$

$$0,30(b-a) = \frac{F}{PCAP}, \quad \text{o que significa que 30\%}$$

da margem de contribuição unitária correspondem ao custo fixo por unidade na capacidade.

Tomando (por cima) um automóvel que tem o preço, sem imposto, de Cz\$ 800.000,00, e a usual participação de custo variável de 57% de material comprado e 23% de mão-de-obra, teríamos $0,2 \times 800.000 = \$ 160.000,00$ de margem de contribuição e corresponde a somente 6% ($0,3 \times 0,2$) de custos fixos. Uma comparação, feita pelo resenhista, com dados alemães, chegou a resultados similarmente baixos para os custos fixos (40% de mão-de-obra, 50% de material comprado e 5% de custos fixos).

Nota-se aqui um ponto sobre flexibilidade que o autor pretende desenvolver futuramente, pois ensina-se que flexibilidade de máquinas e homens sai cara em custos fixos (investimentos).

O livro trata dos seguintes assuntos, conforme seu sumário (índice):

- Flexibilidade
- SFM – Sistemas Flexíveis de Manufatura
- FSE – Fabricação Sem Estoques
- Comparação no SFM vs FSE

Para quem tenha conhecimentos elementares de procedimentos japoneses, o livro começa a se tornar valioso a partir do conceito de flexibilidade na preparação de máquinas (pág. 107). Em seguida, a partir da linha de produção em "U", das discussões sobre "layout" (pág. 113) e célula (pág. 115), chega-se à conceituação da produção flexível (pág. 120) e a sua distinção da automação (pág. 119). Nota-se que o autor está usando os seus profundos conhecimentos mais nesses capítulos finais – aliás, ele assina alguns gráficos com "autor".

Para todos, e repito, todos os envolvidos em processos produtivos, o livro tem alto valor, pois mostra procedimentos modernos, usados pelos atuais líderes de processos de produtividade – os japoneses. Os defeitos enumerados não pesam quando o livro é usado como introdução ao estudo da engenharia da fábrica. O livro, assim, deve ser usado em cursos de administração da produção e manufatura, em cursos de graduação e pós-graduação de administração, e

como introdução em cursos de engenharia de produção. Não deve ser leitura única, pois exige conhecimentos prévios de engenharia industrial. Em treinamento de executivos, o livro pode ser considerado altamente valioso, combinado, evidentemente, com filmes e transparências.

Como sempre, faz falta um índice alfabético remissivo, que dá muito trabalho se feito manualmente, mas que, com um computador, leva pouco tempo. □

ECONOMIA AGRÍCOLA: O SETOR PRIMÁRIO E A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

MARCOS CINTRA C. ALBUQUERQUE E
ROBERT N. V. C. NICOL., São Paulo,
McGraw-Hill, 1987.

Por Solival Silva e Menezes

Mestrando em Economia do IPE/USP e em
Administração de Empresas da EAESP/FGV.

Esta obra, escrita por dois importantes economistas da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, representa uma importante contribuição para a compreensão do papel do setor primário e dos ciclos agrícolas na dinâmica da industrialização brasileira.

Evitando a mera referência teórica, os autores estabelecem, já no capítulo inicial, um interessante painel que vincula o tema tratado à teoria existente sobre o assunto, destacando-se a menção às idéias de David Ricardo que, em seus *The Principles...*, inaugura a preocupação dos economistas em associar a questão agrícola aos problemas específicos do capitalismo industrial. Tratam, também, das idéias de economistas contemporâneos, como W. A. Lewis, J. C. Fei, G. Ranis, M. H. Watkins, J. Mellor e Hymes e Resnick.

A teoria ricardiana é examinada, tendo como referência não apenas os originais desse clássico, mas também interpretações recentes, como as de Irma Adelman, Thweat e Barber. Verificamos de perto as análises de J. Mellor na tentativa de mostrar o papel da agricultura no desenvolvimento e tratam de forma atenciosa o modelo de Lewis com oferta ilimitada de trabalho. Também expandem a análise de Lewis através do trabalho de Fei e Ranis, passando de uma agricultura de pequenos lavradores para uma economia de maior expressão capitalista, com assalariados e com um processo de acumulação consubstanciado na elevada propensão

a poupar dos proprietários agrícolas.

Marcos Albuquerque e Robert Nicol vão buscar, a partir do segundo capítulo, entender o papel dos grandes ciclos agrícolas, tendo como pano de fundo a própria história econômica brasileira, fazendo uma interessante abordagem às primeiras décadas de colonização portuguesa e interpretando o papel do açúcar e o caráter de enclave da economia do século XVII. Examinam, também, o ciclo da mineração e o Tratado de Methuen, mostrando de que modo contribuíram para a formação de uma nação com potencial econômico suficiente para atrair o interesse dos parceiros de Portugal, bem como o ciclo do café, que representou um passo importante na busca da modernização e do crescimento econômico do país. Os autores não deixam escapar algo fundamental para compreender a dinâmica da industrialização brasileira, que é o papel do Estado e sua associação com a agricultura. Ocupam-se de quase um século de agricultura (1850-1930), destacando a ausência de uma revolução agrícola no Brasil e fazendo um corte analítico por produto, onde notamos o papel crucial do café na geração de mercado para produtos manufaturados, na vinda dos imigrantes, na compra de equipamentos e no processo de acumulação, elementos esses que seriam decisivos na gênese da industrialização recente do país.

No quinto e último capítulo, os autores tratam especificamente dos vinte últimos anos que precederam a década de 1980 e, para isso, utilizam uma profusão de dados bem trabalhados que ajudam a ressaltar a importância da agricultura no Brasil e permitem discutir com bom embasamento questões como produtividade, posse da terra, deficiências de infra-estrutura e o processo de urbanização. Analisam o papel específico da agricultura como liberador de mão-de-obra para a indústria, como fornecedor de matérias-primas e alimentos e no aporte de capitais, ressaltando também o seu desempenho no modelo de substituição de importações e no contexto do modelo exportador, além do papel de gerador de demanda por bens industriais.

Abordam, ainda, a expansão das fronteiras agrícolas, o favorecimento dos preços internacionais e a abundância de crédito como razões do sucesso do setor e entram na polêmica da reforma agrária, recomendando que se pratiquem políticas complementares de emprego e de incentivo à produção agrícola nos latifúndios, como alternativa ao simples incentivo à aglomeração de terras nos grupos de pequenas propriedades, e às propostas convencionais de redistribuição

de terras.

Por tudo isto e pela clara qualidade didática do livro, podemos concluir que se trata de uma interessante contribuição para compreender o desenvolvimento nacional e de uma importante obra de economia agrícola que trará novas luzes aos interessados pela área. □

GUILHERME MARECHAL OU O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO

(Tradução de Renato Janine Ribeiro)

GEORGES DUBY, Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1988, 212 págs.

Por Afrânio Mendes Catani

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Inglaterra, 14 de maio de 1219, por volta de meio-dia: um cavaleiro de 73 anos, cercado de seus familiares, criados, religiosos e ainda bem lúcido dá suas últimas ordens, despede-se daqueles que mais ama e põe fim a uma agonia que durou cerca de três meses. Nessa época, em que "o costume sustenta a ordem no mundo", as belas mortes se constituem em verdadeiras festas. O ritual da morte à maneira antiga não era uma partida furtiva, esquiva, e sim uma chegada lenta, regrada, governada - "um prelúdio, passagem solene de uma condição para outra, superior, mudança de estado tão pública quanto as bodas, tão majestosa quanto a entrada dos reis em suas leais cidades" (p. 10).

O acompanhamento do ritual da morte de um célebre cavaleiro medieval, ocupando todo um capítulo, dá início ao excelente livro de Georges Duby, *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*, traduzido de maneira impecável pelo Professor Renato Janine Ribeiro. Professor do Collège de France (Paris), Duby é na atualidade um historiador reconhecido internacionalmente pela sua capacidade de aliar sua extraordinária erudição à virtude de tornar o período medieval acessível ao grande público. É autor, entre tantas outras obras, de *Tempo das Catedrais*, *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, *O Ano Mil*, *Le Chevalier, la Femme et le Prêtre*.

Duby segue o percurso de Guilherme Marechal através de um manuscrito em pergaminho, verdadeira canção de gesta encomendada pelos herdeiros de Guilherme. O objetivo: tornar o Marechal presente, vivo, uma vez que a dinastia que levava seu